# A psicanálise como teoria dos atos irracionais<sup>1</sup>

Maria Aparecida de Paiva Montenegro
Universidade Federal do Ceará

#### Resum

O diálogo entre filosofía e priscanilíse, tradicionalmente marcado pela provocação, torna-se, contudo, particularmente interessante quando se concehe esta última como teoria dos atos trizcionais. Nessa perspectiva, ao mostrar que os atos até então considerados irracionais remetem a conteúdos plenamente corentes, a psicanidise amplia o abmidio da racionalidade contribuíndo para o examie desa complexa questão no interior da filosofía. Todavia o emprego que a própria psicanilíse fize de dois padrões distintos de racionalidade — ma explicativo o entor interpretativo— artia criticas filosofícas provenientes das mais diferentes tradições. Tal é o caso das criticas de Georges Politzer e Sarte, representantes da filosofía continental e Wilingenstein e Donald Davidson, exponente da filosofía apolo-sasônica.

Palavras-chave: filosofia e psicanálise, psicanálise e atos irracionais.

## Psychoanalysis as a theory of irrational acts

#### Abstract

The dialogue between philosophy and psychoanalysis, traditionally characterized as mutually provocative, becomes, nevertheles, of particular interest when the latter is conceived as a theory of irrational acts. From such a perspective, while pointing out that the acts so far considered irrational address to entirely coherent contents, psychoanalysis magnifies the scope of rationality, contributing to the inquiry into this complex philosophical question. However, the use of two distinct patterns of rationality by means of psychoanalysis itself—explanation and understanding—arouses philosophical criticisms on the part of the most different traditions. Such are the cases of George Politzer's and Sarre's critiques, representatives of continental philosophy, and the ones of Wittgenstein's and Donald Davidson's, exponents of Anglo-Saxon philosophy. Fer work philosophy and psychoanalysis, psychoanalysis and irrational acts.

Que tipo de diálogo seria possível entre psicanálise e filosofia? Com efeito, tem-se, de um lado, a provocação freudiana dirigida aos filósofos e o pensamento filosófico quando pretende destituir. com a noção de inconsciente sistemático, a consciência de seu tradicional lugar de sede dos processos mentais; de outro, identifica-se uma espécie de contra-ataque proveniente das mais

Trabalho apresentado na mesa-redonda Psicanálise e Filosofia: um diálogo possível?, XXX Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Brasília – DF, outubro de 2000.

Endereço para correspondência: Departamento de Filosofia: Universidade Federal do Ceará, Av. da Universidade, 2.995, Bentica, CEP: 60.020, Fortaleza – CE, fone (85)288-7432, e-masi: cidamontenegro@ignomia.com.br Anoio financiero CNPu. Universidade Católica de Brasilia e Universidade Federal do Ceará.

Apoio financeiro CNPq, Universidade Catolica de Brasilia e Universidade Federal do Ceara

diferentes tradições filosóficas que tentam apontar as inconsistências das formulações mais caras à psicanálise, como é o próprio caso da noção de inconsciente sistemático.

Meu propósito é tentar mostrar que, para além da tensão que essa reserva reciproca possa trazer ao referido diállogo, ele pode ser mesmo bastante proficuo para ambos seus interlocutores: para a filosofia, uma vez que, conforme assinala Bento Prado (1991), a psicanálise purcee impor aos filósofos uma espécie de filosofia "exigindo mudanças encueias no apunto conceinad que fizz a tradição da própria filosofia" (Prado, 1991, p. 8) para a psicanálise, na medida que o exame filosofico de seus pressupostos pode e videnciar problemas conceituais e, desse modo, indicar possíveis caminhos de uma reformulacio lestirima.

Nessa perspectiva, por mais ácida e contundente que seja a crítica advinda de qualquer dos dois lados, não se trata de chegar ao silêncio do interlocutor, o que poria fim a um instigante debate; antes, o mais interessante parce ser identificar em que medida esse diálogo pode lançar luz sobre certas questões de grande releváncia para o pensamento ocidental, como, por exemplo, a temidica da irracionalidade.

Segundo Donald Davidson (1982), a psicanálise pode ser pensada como uma teoria dos atos irracionais, uma vez que produz uma expansão do âmbito da racionalidade prática<sup>2</sup>. Para o filósofo americano, Freud (1991) mostrou que fenômenos até então considerados não racionais<sup>2</sup>. —como era o caso dos sonhos, sintomas neuróticos e psicóticos e mesmo esquecimentos e atos falhos —, consistem em processos irracionais que, uma vez submetidos à análise, remontam a conteúdos racionais, isto é, plenamente correntes e consistentes do ponto de vista do próprio agente, hem como do julgamento público. Nesse sentido, conforme aponta Gardner (1993), toda a metapsicología poderia ser pensada como uma tentativa de fornecer as condições de possibilidade da irracionalidade.

Seguindo a linha do pensamento de Davidson (1982), Gabbi Jr. (1994) sustenta que a ampliação do almbito da racionalidade promovida por Freud (1991) bascia-se no pressuposto de que a suposta suséncia de racionalidade atribuida áqueles attos deve-se à formação de uma "má representação" decorrente de mecanismos psíquioso inconscientes, a partir dos quais seus verdadeiros motivos permaneceriam inaccessiveis até para o próprio agente. Desfazer essa "má representação", de modo a substituí-la por uma outra – supostamente adequada – implicaria empreender um trabalho que, segundo penso, coincide, em última análise, com a própria construção de ampressa précanditica, pautada sobre construção de ampressa precanditica pautada sobre construção de ampressa precandita de produce de partir de

de irracionalidade advém da irrupção do processo psíquico primário no interior do processo secundário, decorrente do

2. No presente contexto, empregaremos a distinção entre irracionalidade e não racionalidade proposta por Davidson (op. cit.,

p. 209), de acordo com a qual a irracionalidade remete às falhas da razão, restringindo-se, portanto, a seres racionais, fisto, e, caprazes de atribir pracbe para suas ações (atitudes proposicionais). Anda-reacionalidade extrapla o a mínito da razão, vante vez que implica "forças cegas" attando na produção de certos estados. Contudo considerando que a emergência do nalo-racional no interior das explicações sobre a irracionalidade constitui um dos paradoxos apontados por Davidono, cumpre explicitar o sentido que, a meu ver, a não-racionalidade adquire na teoria freudiana. O não-racional que interessa à paicamilias não se refere ao plano dos processos fisiológicos (esta é a conceção abujecente às formulações de Breuer e Charcot, de quem Preeda não tardaria a divergir). O não-racional que se erige com objeio do paíscunilis remote justamente ao plano no qual os processos somiticios alçama representação, apresentando, portanto, um estanto mental. Nesse sentido, não sá pubado - enquanto nocencie-inmite entre somiticio e paísquio - constito em um processo não nacional; tambiém seus representantes, atribuidos à porção inacessivel do inconsciente (as representações de coixia), configuram processos deste tos. Enquantos nacionalidade limita-se aos evertos mentais regloto polo funcionamentos escundário do aparelho anímico, a irracionalidade limita-e aos evertos mentais regloto polo funcionamentos escundário do aparelho anímico, a irracionalidade limita-e aos evertos mentais regloto polo funcionamentos escundário do aparelho anímico, a irracionalidade limita-e aos evertos mentais reglotos polo funcionamentos escundários dos aparelho anímico, a irracionalidade sobre a forma escundario dos sobrem a processos deste como consciente, as os como consegúrios, passama as erregidos pelas regras aos sistema não rocational do aparelho poliçãos. Nesse caso, o efeito

retorno desse material reprimido (sob a forma de sintomas e atos falhos).

3. No sentido em que corresponderiam a processos fisiológicos (ver nota acima).

Psicanálise e atos irracionais 189

dois eixos interdependentes: um eixo interpretativo, que envolveria a análise das falhas e lacunas do discurso do agente mediante certas regras, fundamentado por um eixo teórico; <sup>4</sup> este, cumpre notar, erigido com base no próprio material proveniente do primeiro.

É justamente em torno desse duplo eixo da psicanálise que vai incidir, em última instância, a crítica filosófica empreendida por pensadores de diferentes tradições, como é o caso de George Politzer (1928/1998). Ester (1928/1998). Expresentantes, por assim dizer, da filosofia continental e Wittgenstein (1970) e o próprio Davidson (1982), expoentes da filosofia anglo-saxônica. Com efeito, ainda que as posições desses autores quanto aos problemas evidenciados no pensamento flevaliano sejam, em algums casos, diametralmente opostas, é sobre a incompatibilidade dos padrões de racionalidade teórica\* presentes no mesmo que v\u00f3o recair as críticas de inconsistência e confusão conceitual provenientes de ambas as tradições.

Davidson (1982), por exemplo, reconhece a existência de ceros problemas na teoria freudiana, entre os quais destaca justamente a noção de inconsciente. Por esse motivo, eie, deliberadamente, a exclui de suas considerações. Contudo, ao final de seu exame sobre os paradoxos da irracionalidade, adverte que as refevantes objeções contra anoção de eventos e estados mentais inconscientes são respondidas quando se mostra, tal como de julga fazê-lo, que a teoria é aceitável sem que seja preciso lanacer mão desea nocâlo.

Para Davidson (1982), a teoria freudiana torna-se particularmente interessante porque pressupõe a mente dividida em instâncias, o que, segundo ele, constitui um requisito indispensável para se pensar o problema da irracionalidade. Nesse sentido, acredita que qualquer abordagem atual do tema da irracionalidade deva levar em consideração algumas teses sustentadas por Freud (1991). De acordo com o filósofo americano, uma vez enunciadas de forma suficientemente ampla, essas teses estariam livres de confusão conceitual. Desse modo, propõe que sejam enuncidas sob a forma de três requisitos a serem preenchidos por toda teoria que pretenda dar conta dos atos irracionais, acreditando que a psicanálise setanda aso mesmos.

Em primeiro lugar, é preciso supor que a mente seja dividida em instâncias. Segundo, que elas, além de gozarem de uma semi-autonomia entre si, possuam uma certa estratura, de modo a serem capazes de nutrir desejos, intenções, crenças e demais traços psicológicos que possam causar outros eventos na própria mente ou fora dela. Por último, que certos eventos mentais referentes a uma instância estabeleçam relações do tipo causal com os eventos de contra instância da mente, de tal maneira que, nessas relações causais, estariam ausemtes, assim como nas descrições fisicalistas, quaisquer relações intencionais e, conseqüentemente, qualquer aspecto racional.

Com essa análise, Davidson (1982) pretende legitimar, na condição de um paradoxo da irracionalidade, a possibilidade de uma intenção ser a casas de determinada ação mental, sem, contudo, constituir uma razão para aquilo que causas. "Assim procedendo, procura avançar em relação às críticas comumente dirigidas á teoria freudinan alegando que qualquer teoria que pretenda explicar os atos irracionais recais sobre a completidade intrinsecan não são a tema da irracionalidade, como também ao próprio tema do "mental".

Em outros termos, adverte que, ao se lidar com essa temática, penetra-se inevitavelmente em um campo onde não é possível formar um conjunto

<sup>4.</sup> A idéia de que a teoria freudiana sustenta-se sobre um discurso misto, amplamente difundida sobretudo pela leitura que Paul Ricoeur (1965) faz do freudismo, remonta, no entanto, à critica de Georges Politzer à psicanálisse, a qual mencionarei adiante.

<sup>5.</sup> De acordo com Goldberg, Freud emprega no eixo teórico - a metapsicologia - o padrão da racionalidade cientifica, o que seria incompatível com a racionalidade histórica utilizada no eixo interpretativo, representado pela clínica. Cf. Goldberg S.E. (1988) "Two Patterns of Rationality in Freud's Writings". Alabama, The University of Alabama Press).

<sup>6.</sup> Nesse caso, o paradoxo residiria na emergência do não racional no âmbito da racionalidade/irracionalidade.

fechado, pois muito do que aí acontece é necessariamente causado por eventos não passíveis de uma descrição em termos mentalistas. Ou seja, nem sempre é possível conferir aos mesmos uma linguagem em que se costuma atribuir razões, desejos e intenções. Desse modo, uma vez que se reconhecam relações causais entre eventos mentais nas quais são parcialmente desconsideradas as relações lógicas entre as descrições de tais eventos, é possível penetrar em um domínio no qual não há um conjunto unificado e coerente de princípios constitutivos; os conceitos empregados devem ser tratados como mistos, em parte mantendo aliança com suas conexões com o mundo das forças não mentais, em parte com seu caráter mental direcionado a conteúdos proposicionais.

À luz da leitura proposta por Davidson (1982), a teoria freudiana poderia, portanto, ser pensada como uma teoria que explica os atos irracionais, procurando contemplar o problema da reflexividade (Gardner, 1993) envolvido na irracionalidade, isto é, a falha do agente em fornecer razões para esses atos. Suponho que é justamente através de uma concepção mecânicoteleológica - segundo a qual a mente constituiria uma máquina de representação dividida em instâncias com regras de funcionamento distintas - que Freud (1991) consegue fornecer a explicação alegada por Davidson (1982) para essa problemática que, segundo o filósofo, não teria sido alcancada pelas padronizadas "explicações em termos de razões". O mérito de Freud (1991), nesse caso, foi inferir que a falha no teste da autoconfrontação (Gardner, 1993) remonta a intenções de determinada instância que causam certas ações no interior de outra, sem, no entanto, constituírem razões para aquilo que causam.

Diferentemente, portanto, de outros comentadores – e aqui destaco o nome de Wittgenstein<sup>7</sup>, de quem falarei adiante -, Davidson (1982) considera que Freud (1991) não erra ao atribuir um papel de causa às razões subiacentes aos atos aparentemente irracionais. Todavia ele nos alerta para os problemas que esse tipo de explicação traz para qualquer teoria, estando aí incluída a teoria freudiana. Ou seja, ao se admitir a ocorrência de relações causais entre eventos mentais - tal como nas explicações fisicalistas -, abre-se a possibilidade de se proporem leis nas quais esses eventos venham a ser subsumidos. Contudo se. por um lado, isto representa a tão almeiada aceitação da psicologia no quadro das ciências naturais, por outro, os trabalhos da mente não parecem redutiveis a leis rigidas e determinísticas. Os fenômenos identificados em termos mentais pressupõem descrições que, por lidarem com intenções, não são postuláveis em leis

Se a idéia da mente dividida em instâncias é preciosa para os propósitos de Davidson (1982), tal não acontece no pensamento de Sartre (1943/1958). Com efeito, para o filósofo existencialista, a partição da mente proposta por Freud (1991) resulta em mera terminologia verbal, iamais podendo dar conta do problema da irracionalidade. Ao supor uma censura entre inconsciente e consciência, dotada de propriedades lógicas que lhe conferem a capacidade de triar as representações que poderão ou não vir à tona, Freud (1991) teria, na visão de Sartre (1943/1958), estabelecido uma outra consciência autônoma e não a supremacia dos processos inconscientes. Nesse sentido, ao invés de resolver o problema da irracionalidade, acabaria por produzir um tipo de ato irracional, a saber, a má representação.

A fim de esclarecer o sentido que essa equivalência da teoria freudiana a uma espécie de má representação adquire em Sartre (1943/1958), cumpre esboçar, de forma um tanto caricatural, um aspecto de

<sup>7.</sup> Refrire-me aos filósofos ciados por Davidson - Tolmin, Flew. Melhyre P eters-que empreenderam suas criticas à teoria freediama a partir das peciação da ela redicada por Wingeres. Mel Reguno estre future perceptor confundido zurbas com acontacto province com canaza, no tentar descrever, em uma linguagem na qual estão susentes quaisquer termos intencionais, eventos que necessariamente implicam relações (C.D. Davidson, D. "Paradudos of irrationality", op. cit., p. 2021 ver também Wittgenstein, L. (1970) "Psicologia, Estérica e Religião". Notas de Smythies, Ribeca & Tarbot critações (C.D. Davidson) de Presa Constitucio de Argonia de Smythies, Ribeca & Tarbot critações (C.D. Davidson).

Psicanálise e ates irracionais 191

sua metafísica. De acordo com o filósofo existencialista há dois modos do Ser: o para-si, próprio à consciência e o em-si relativo ao mundo físico. Enquanto o para-si garante a dimensão transcendente do Ser, conferindo-lhe os atributos da liberdade e espontaneidade, o em-si atravessa o Ser com a propriedade da facticidade. dando-lhe a possibilidade da materialidade e obietividade. Face a essa condição, há um "projeto fundamental" que tende a reconciliar os dois modos radicalmente diferentes do Ser. o que, do ponto de vista metafísico, constitui um empreendimento evidentemente irracional dada a irredutibilidade dessa duplicidade ontológica. De todo modo, é, até certo ponto, admissível tentar coordenar facticidade e transcendência. A má representação ocorre justamente quando a tentativa de coordená-las ou superar essa dualidade em uma síntese mais elevada está ausente. Nesse caso, trata-se contraditoriamente facticidade como transcendência e transcendência como facticidade.

Sem defender qualquer posição extrema em favor da tese da unidade mental, Sarter (1943/1958), no entanto, acredita que a essência mesma da ideia reflexiva de esconder algo de si próprio implica a unidade de um são e mesmo mecanismo psíquico, consequêntemente, supõe uma dupla atividade no interior da unidade, tendendo, de uma doa, a localizar e manter a coisa a ser escondida e, de outro lado, a reprimi-la e disfarça-la.

Nessa perspectiva, Sartre (1943/1958) não admite a tese freudiana do inconsciente sistemático.

uma vez que, com os atributos que lhe são conferidos por Freud (1991) - e, nesse caso, ele refere-se particularmente aos mecanismos da censura, repressão e resistência - tratar-se-ia, antes, de uma segunda consciência, análoga à que Freud (1991) pretende destronar. Mais que isto, tratar-se-ia de uma segunda consciência em má representação, uma vez que Freud (1991) tentaria descrever seus processos e modos de funcionamento, cuio âmbito é o da transcendência, em sua impossível facticidade. Em outros termos, o equívoco de Freud (1991) seria propor uma linguagem fisicalista para descrever processos intencionais. Por conseguinte, ao invés de nensar a teoria freudiana como teoria dos atos irracionais, Sartre (1943/1958) a enquadra, dada a confusão que esta faria ao tentar falar da dimensão do para-si com os termos apropriados ao registro do em-si, como um caso de irracionalidade.8

Diante da posição diametralmente oposta de Davidson (1982) e Sartre (1943/1958), como pensar a teoria freudiana com relação aos atos irracionais? Ora, no que tange à expansão da racionalidade efetuada pela teoria freudiana nos moldes propostos pelo filósofo americano, Gabbi Jr. (1994) identifica um problema. Mais precisamente, não parsee certo de que essa suposição manter-se-ia plausível após a publicação de "Jenseirs des Lusgrinipis" (1920), quando introducidas as noções de compulsão à repetição e pulsão de morte. Uma vez que tais noções lhe parecem alo intencionais, apontariam um límite.

<sup>8.</sup> A letima de Sattre é, sem divida, influenciada pela critica de Politere (1928) à psicanálise, nu ocasido em que a psicologia se aproximava de ase uniquienteniráo, como peretana ciência. Segundo Politere, cos sinistirá de 50 mos não passaria de um "charco de fai?", Por mais que a psicologia tente assemelhar-se a uma ciência, à medida que propõe seus enunciados na retectira pessoa, o mástimo que alençaria será a produção de uma teologia do córetoro. Nesse sentida, de todas as teorias psicológicas até entida formuladas, a psicanálita estria a que mais porto terá ebegado do projeto politerariano de uma psicológia concreta, uma vez-vez, no campo da clínica, privilegia o fato psicológico como alga construido e não um dado em simesmo. Para Politeze, a construido do fato psicológico pela interpreteção psicanalítica a patrir da regar fundamental preserva a perspectiva da primeira pessoa, os soja, do sujeito da vivência, sem, no entanto, incorrer em alguma forma de introspeccionismo. Na méndiam em que en artefação com a amilista que o sentido do fato psicológico produzido, garante-se, igualmente, a possibilidade de se conhecer aquino que a tradição psicológica consideraria como evento privado. Todavis a psicológia dos producidos por roduzido, garante-se, igualmente, a possibilidade de se conhecer aquino que a tradição psicológia consideraria como evento privado. Todavis a psicológia clássica, ou soja, à psicologia que pretende ser uma ciência da primeira pessoa na terceira pessoa. Em outras palavaras, Polítere refere-se à empresa metapsicológica de Freud, que pretende formecer explicações para os processos psiquicos, deviniculando-so da esfera do vivido e tratando-os como entidades em si mesmas pulsão, desejo, inconsciente, sexualidado, novas evenêses, segundo o filosofo hitagaros, do vela psicologia clássica.

ao trabalho psicanalítico de dissolver os sintomas "através da força normativa que nos comanda enquanto seres racionais", (Gabbi Ir., op. cit., 1994, p. 230) vindo, inclusive, a pôr em xeque os próprios parâmetros da racionalidade veiculados na metapsicologia.

Com efeito, o problema identificado por Gabbi Jr. (1994) não só impõe um limite à expansão da racionalidade atribuída por Davidson (1982) à teoria freudiana. Ao eleger o exame da pulsão de morte e racionalidade no pensamento freudiano como obieto de investigação em um outro estudo9, pude concluir que a relação entre noção de pulsão de morte e temática da irracionalidade envolve contradições que extrapolam os próprios paradoxos da irracionalidade apontados por Davidson (1982) em sua defesa de um discurso misto para descrições de processos mentais. Mais que isto, tais contradições levantam questões que antecedem também a discussão, proposta por Gabbi Jr. (1994), sobre o caráter não intencional das nocões de compulsão à repetição e pulsão de morte enquanto limitantes do âmbito da razão supostamente ampliada até então.

Em outras palavras, a entrada em cena da pulsão de morte abre um debate mais radical que o comumente travado em torno da "reviravolta conceitual" de 1920, quando se polarizam, de um lado, o que chamarei aquí de "teses da ruptura-"de, de outro, a defesa de uma redefinição de conceitos formulados nos primórdios das investigações freudianas.

Guiada pelo exame empreendido por Kimmerle (1988)<sup>11</sup> de "Jenseits des Lustprinzips", suponho que a introdução da pulsão de morte implica, aquém de uma ruptura ou retomada de noções antigas, um ponto de estrangulamento conceitual sobre o qual se encurralam aporias concernentes aos princípios fundamentais da psicanálise. Tais aporias, que se parecem arnastar desde os primeros escritos de cumho metapsicológico, comprometem as próprias bases a partir das quais Freud (1991) teria construido uma teoria dos atos irracionais.

Em "Pulsão de morte e racionalidade no pensamento freudiano"12, procuro mostrar que a introdução da pulsão de morte, em princípio depreendida da nocão de compulsão à repetição. resulta igualmente de problemas teóricos internos. Estes, contudo, seriam dissimulados sob o véu de uma indiferenciação das metas que, no contexto da psicanálise, direcionam o funcionamento psiquico: a fuga do desprazer, busca do prazer e manutenção da quantidade nos mais baixos índices possíveis. Curiosamente, a diferença entre o alvo dessas metas parece um dado de considerável importância para a própria teoria freudiana que, herdeira de uma tradição empirista, insiste em propor uma origem a partir da qual os processos psíquicos ter-se-iam constituído. Ora, se se privilegia uma ordem empírica de formação do registro mental, a anterioridade de um evento em relação a um outro parece um fator determinante daquilo que será originário e, portanto, regulador de toda a atividade psíquica. Nesse sentido, a anterioridade da fuga do desprazer em relação à busca do prazer como meta primordial do funcionamento anímico constitui, ao que tudo indica, um aspecto da maior importância. Com efeito, ela aponta, contrariamente ao que a psicanálise pretende mostrar, a precedência do princípio de realidade em relação ao

Cf. Montenegro, M. "Pulsão de morte e racionalidade no pensamento freudiano". Coleção Filosofia, Vol. 1. Fortaleza, Edições UFC, 2002.

<sup>10.</sup> Sob esse rótulo, reúnem-se as leituras de "Jonestes del Lustprieriga" nas quais se encontram as reiteradas acusações de abandono da pretenda psiscamáticas á científicidade e mergulho no terrono da especulação entitologia—que, em gera, concluem que conocito de pulsão de morte deveria ser ou redefinido ou desconsiderado como reflexo de problemas ligados à vida pessoal de Freud.

Cf. Kimmerle, G. (1988) "Ferneiunug und Wiederkehr: Eine Methodologische Lekture von Freuds Jemeits des Lautprinzips"." Tübigen, Edition Diskord ("Denegação e retorno: uma leitura metodológica de "Para além do Princípio de Prazer" de Freud". Piracicaba, Editora da UNIMEP, 2000).

<sup>12.</sup> Ver nota 9, acima.

princípio de prazer. Precedência esta que, em última análise, compromete a tese que julgo central na empresa freudiana: ascendência do inconsciente sobre a consciência.

Em vista desse problema, parece plausível supor que a tentativa de apontar um prazer originário na gênese dos processos psíquicos e, desse modo, garantir a plausibilidade da referida tese, constitui o verdadeiro motor das inúmeras reformulações a que Freud (1991) submete a metapsicologia ao longo de toda sua produção conceitual. Em outras palavras, a teoria freudiana parece desenvolver-se no sentido de tentar mostrar que o desprazer associado aos quadros psicopatológicos remontaria a um prazer anterior. interditado e distorcido pelo trabalho da repressão. Uma vez que suas próprias formulações sobre a constituição do aparelho psíquico pressupõem, ao invés do prazer, um desprazer ainda mais originário, Freud (1991) é levado a recuar essa origem cada vez mais, enredando-se em uma espécie de retrospecção que, pelo limite imposto pelo próprio conceito, só termina com a formulação da pulsão de morte.

Nessa perspectiva, a pulsão de morte tão somente aponta um limite para o que propus chamar de uma genealogia freudiana do desprazer, dado que ela conduz essa origem para além do próprio campo da experiência. Por esse motivo, antes de promover uma reviravolta conceitual ou uma retomada de noções antigas, como o principio da inércia, a pulsão de morte torna praticamente indisfaráçvies certas aporias intrinsecas aos termos nos quais é mantido, mesmo após reiteradas reformulações, a essência do proteio freudiano.

A esse respeito, entrevejo, em "Jemeits des Lustapiraiga", obra em que a pulsão de morte é introduzida, mais uma tentativa de Freud de dissimular essas aporias, uma vez que procura tributar a revisão radical a que submete o principio de prazer às evidências trazidas pelo fenómeno da compulsão à repetição e não problemas teóricos intermos. Desse modo, a nova pulsão emerge como uma decorrência inevitável de pressões exteriores à teoria, o que, pelo menos, conseguiu desviar o alvo da critica que imediatamente recais sobre essa polêmica noção. No entanto a contradição vem novamente à tona, à medida que a revisão do principio de prazer conduz à suposição de uma operação de ligação da quantidade ("Bindung") anterior e independente da vigência desse principio. Mediante a explicitação dessa operação, emerge a preexistência do processo psíquico secundario — em obediência ao qual a quantidade circula de forma vinculada — em relação ao processo primário — sob cuja vigência a quantidade circula de forma livre.

Essa contradição, que nas palavras de Kimmerle provoca um "embaraçamento dos princípios" (Vervierrang der Principlero), parece, tal como foi dito ha pouco, de importância fundamental, porque compromete justamente a tese que julgo central na psicamálise: o eixo sobre o qual a teoria freudiana, por assim dizer, lança ao campo do conhecimento sua provocação: a tese da primazá do inconsciente sobre a consciência (e os processos prê-conscientes).

Na verdade, esse problema já se insinua no próprio contexto em que foi escrito "Entwurf einer Psychologie" (1895), no qual Freud nalo consegue fornecer uma explicação satisfatória para a origem do eu, todas as explicações tentadas pressupôm a ação dessa organização mental inibidora dos processos alucinatórios característicos do processo psíquico primário.

A mesma contradição reaparece no momento em que é introduzido o conceito de narcisismo, desencadeador de importantes reformulações na teoria das pulsões. A partir da noção de narcisismo primário, impões e a suposição de ume-u-prazer, o que implica a estranha formulação de um eu, sede por excelência dos processos psíguicos secundários, regido pelo processo primário.

Nessa perspectiva, suspeita-se de que a emergência dessa mesma contralição em diferentes momentos da formulação metapsicológica seja indicativa de que Freud não tenha conseguido, contariando pretensões alimentadas desde seus escritos iniciais, romper com as premissas da tradição filosofica que justamente visava criticar a filosofia da consciência, segundo a qual esta instância deteria o poder de autoconhecimento imediato e, conseqüentemente.

privilegiado em relação a qualquer outro observador de seus estados mentais (condição que permite as descrições de tais estados na primeira pessoa).

Em outras palavras, minha suposição é que a nacionalidade seria fundada sobre uma base psáquica não na caional, depreendida da tese freudiana do determinismo inconsciente dos processos psíquicos, depara com uma contradição interna, uma vezque não parece possive presenidar de uma racionalidade anterior que funcionaria como uma espécie de condicionante da própria base não racional do aparelho psíquico.

Essa contradição pode igualmente ser deprendida, em ultima análise, dos indamentos da teoria freudiana da representação, de acordo com a qual os processos primários reinariam sobre o que Preud denominou "representações de cosas (registros de sensações organizadas pelas imagens visuais), enquanto os processos secundiános regulariam as "representações de paluva" (registros de sensações organizadas pelas imagens acidistados regulariam as representações de paluva" (registros de sensações organizadas pelas imagens acidistação. Com base nesas formulação, Freud estabelece que a consciência de uma representação é coias e palavar, de tal manerin que a garantia de sua significação seja conferida pela primeira (representação de coias).

Por outro lado, contudo, a palavra (processo secundário e racional) parece apresentar a importante função de fixar, ao cunhar-lhe um nome, a representação de coisa (componente não racional do aparelho amino.) Nesse sentido, é a palavra que dota as sensações de significado, transpondo para o plano psíquio ca lago inicialmente somático. Por conseguinte, tem-se novamente o problema da anterioridade do processo secundário em relação ao primário, uma vez que, para tornar as sensações somáticas a lago de natureza psíquica, parece necessirán onne-las.

Além da mencionada indiferenciação das metas do aparelho psíquico, fuga do desprazer, busca

de prazer, manutenção da constância, as várias versões da contradição intrinseca aos termos em que é construída a metapsicologia parecem, até 1920, dissimuladas sob o próprio modo pelo qual esas teoria concebe o processo de fixação/nomeação das sensações: a partir da intervenção de um outro agente, imprescindivel para o atendimento das pusiões da fome e sexualidada. <sup>6</sup> Ora, se é o outro aquele que fixa as sensações no agente dotando-as de significado, não seria o próprio agente, mas o outro, o observador privilegiado dos processos que ocorrem na vida mental do primeiro. Desee modo, pureceria grantida a possibilidade de estabelecer a prevalência das descrições desses processos na terceira pessoa, tal como convém a uma ciência natura.

Em "Jenseits des Lusprinzips", contudo, a reincidência das referidas contradições é agravada por dois aspectos que inviabilizam a possibilidade de teorização na psicanálise: (1) O mutismo atribuido à pulsão de morte permite supor sau irrepresentabilidade, oq que faria implodir a teoria freudiam ad arepresentação c; (2) A pulsão de morte presce presimidar de qualquer interveção do outro, de modo a configurar-se como algo inominável e, portanto, inacessível ao registro psiquico. Nesse caso, como manter a tese de uma base psiquica não racional como fundamento da racionalidade? Em última análise, como evitar que Sarter (1943/1958) tenha razão ao supor que a própria teoria freudiana se constituia como um exemnlo da toi francional?

A fim de não concluir o presente artigo com uma visão sombria da piscanâlise que, afinal de contas, influenciou, de forma inegável e profunda o modo de pensar as ações humanas do século XX, cumpre ressaltar, ainda que em breves linhas, a sagacidade de Wittgenstein (1984) ao referir-se à empresa fireudiana.

Wittgenstein (1970), esse outro eminente representante do pensamento austriaco, contemporâneo de Freud, embora mais moço que este, concebe a psicanálise de um modo que considero particularmente

Cf. Freud, S. Zur Aufassung der Aphasien. Leipzig und Wien. 1891; Das Unbewusste (1915). Gesammelte Werke, Band X, pp. 260-303.

<sup>14.</sup> Apesar de sua característica auto-erótica, a pulsão sexual constrói e elege seus objetos internos a partir de uma interação com outrem.

Psicanálise e ates irracionais 195

interessante. Com efeito, dada a forma ambigua com que se remete ao legado freudiano, acaba pondo em xeque a mera oposição entre simplesmente aceitar ou rejeitar tal legado.

Os primeiros contatos de Wittgenstein (1970) com a teoria freudiana coorreama casualmente por volta dos anos 20, época em que Wittgenstein se encontrava, por assim dizer, desiludido com a psiciologia. Él finelizmente, os registros do impacto que a leitura de Freud causou em Wittgenstein só nos são acessiveis por meio das anotações de alguns de seaus discipulos (Wiltgenstein, 1970). De todo modo, segundo atesta Rhees, Freud seria considerado por Wittgenstein um autor que, diferentemente de outros, tinha algo a dizer. Sua admiração pelo fundador da psicinalise em expressa pelo modo como algumas vezes referia-se a si mesmo como um discipulo de Freud (Assoun, 1990).

Curiosamente, essa época coincide com a da publicação de seu polêmico "Tractatus Logico-Philosophicus" (1921-22), no qual, em uma palayra, linguagem e seus limites são o tema central. Nessa obra, os grandes problemas filosóficos são pensados como problemas de linguagem, de modo que o projeto de Wittgenstein, nesse contexto, pode ser resumidamente entendido como a realização de uma terapêutica da linguagem, tal que as frequentes imprecisões da mesma provenientes de seu uso cotidiano sejam afastadas mediante a elevação da Lógica à condição de denominador comum de todas as linguagens. À Lógica, doutrina das formas e inferência, é atribuído o valor de linguagem puramente tautológica, cuia validade universal de suas proposições não depende da experiência. Por conseguinte, é considerada a única linguagem capaz de transmitir a verdade. Nas palavras de Wittgenstein (1970): "As proposições da Lógica descrevem as traves-mestras do mundo, ou melhor ainda, representam-nas. Não 'tratam' nada. Pressupõem que os nomes têm uma denotação e as proposições elementares um sentido – e é esta a sua ligação com o mundo" (Wittgenstein, 1987, § 6.124.).

Desse modo, Wittgenstein pretende mostrar que a verdade não consiste em descobrir algum enigma. Aliás, esta seria a principal ilusão criada pela linguagem cotidiana e, em sua esteira, por toda a filosofia. Não existe o enigma, pois só se pode perguntar sobre aquilo ao qual é possível responder. Nesse sentido, "o método correto da filosofia seria o seguinte: só dizer o que pode ser dito, i.e., as proposições das ciências naturais - e portanto sem nada que ver com a filosofia" (Ibid., § 6.53). Por essa razão, as proposições éticas não teriam lugar no âmbito da linguagem formal, pois tentam falar daquilo que não pode ser posto em palavras: tentam alçar o sentido do mundo, o que, segundo Wittgenstein, está fora do mundo e, por conseguinte. não pode ser expresso em palavras. Apenas à experiência mística caberia o acesso ao inexprimível.

Apesar de já ser possível depreender das concepções do Tractane, esboçadas aqui de modo caricatural, o teor das críticas posteriores de Wittgenstein à psicanálise, cumpre notar que somente no contexto da segunda fise de sua filosofia tais criticas emergirão. Sequer em seus trabálhos decideados á filosofia da psicologia é feita qualquer alusão à psicanálise, donde se pode supor que o filosofo austriaco não a considerava uma ciência e, por conseguinte, não parecería pertinente abordá-la no contexto daueslas obras (Assoun, 1990).

Ora, uma vez que Wingenstein (1970) arribui à validade universida des propossições lógicas um cariter essencial, em contraposição à validade acidental das proposições que descrevem dados da experiência, não seria insensato supor no Tracturatu uma espécie de essencialização da Lógica em modées análogos áqueles criticados pelo próprio Witgenstein, quando se referiaão essências metafísicas. Este parces ser o foco da reformulação de seu pensamento que se inicia nos anos forformulação de seu pensamento que se inicia nos anos de promutação de seu pensamento que se inicia nos anos de promutação de seu pensamento que se inicia nos anos de promutação de seu pensamento que se inicia no anos de promutação de seu pensamento que se inicia no anos de promutação de seu pensamento que se inicia no anos de promutação de seu pensamento que se inicia no anos de promutação de seu pensamento que se inicia no anos de promutação de seu pensamento que se inicia no anos de promutação de promutações de promutações de promutações de promutação de promutações de promuta

<sup>15.</sup> Tal desilusão pode também ser constatada anos depois, na seguinte passagem de suas Investigações Filosóficas: "A confusão e a desolação da Psicologia não se podem explicar pelo fato de se tratar de uma ciência jovem"; seu estado não é, por exemplo, comparável ao da Física, em seus primeiros tempos (...) "Na Psicologia há, de fato, métodos experimentais e confusão conceptual" (Wittgenstein, 1987, Segunda Parte, cap. XIV, § 1).

trinta e culmina com a redação de suas Investiçações Filicosificar, em 1949, publicada apenas postumamente, em 1953. Nessa segunda fase de sua filosofia, Wittgenstein renuncia a qualquer linguagem essencialista, bem como recusa a concepção de qualquer referência extralingüística como fundamento da adequabilidade do suos de un termo Passa a resustira justamente o caráter polissêmico da linguagem como um elemento intrinseco à mesma, tal que o valor de verdada de um termo seja unicamente determinado pelas formas de seu uso.

Desse modo, a terania da linguagem como Desse modo, a terania da linguagem como

tarefa primordial da filosofia consistiria não mais em

anular a referida polissemia, mas, antes, identificar as várias possibilidades de uso dos termos lingüísticos. Tais possibilidades de uso estariam circunscritas às práticas que ele denominou de jogos de linguagem, ou seia, práticas lingüísticas que compreendem o uso diverso de uma mesma palavra. Nessa perspectiva, haveria tantos jogos quantas fossem as possibilidades de uso dos termos, de modo que ciência, filosofia, arte e religião constituiriam diferentes jogos de linguagem com regras próprias de uso de termos comuns. Cumpre notar que Wittgenstein não pretende estabelecer uma propriedade comum aos diferentes jogos, o que recairia numa posição essencialista. Conforme atesta nas Investigações: "(...) é exatamente assim que se explica o que é um jogo. Dão-se exemplos e deseia-se que seiam compreendidos num certo sentido. - Mas com esta expressão não quero eu dizer: tu deves ver o que é comum a estes exemplos, aquilo que eu - por um motivo qualquer - não consequi pôr em palayras, mas sim que tu deves usar estes exemplos de uma maneira determinada. A exemplificação não é aqui um meio indireto da explicação, à falta de melhor" (Wittgenstein, 1987, § 71).

Nesse caso, os exemplos devem servir basicamente para estabelecer analogias entre os diferentes jogos de linguagem, o que difere da da transposição metafórica, tendência predominante a partir da qual o simples reconhecimento de uma semelhaça, entre os usos dos termos é inadventidamente associado à existência de uma identidade comum entre os mesmos (Morenna, 1985).

As críticas de Wittgenstein (1970) à psicanálise estão, portanto, circunscritas a todo esse quadro acima resumido e concentram-se, conforme eu dizia há pouco, nesse novo contexto de suas formulações. Desse modo, se, em algumas ocasiões, chegou a referir-se a si mesmo como um seguidor de Freud, nas menções que faz à psicanálise espalhadas ao longo de sua obra, ele a utiliza iustamente como uma espécie de exemplo caricatural de confusão entre jogos de linguagem. Ou seja, em seu julgamento, Freud teria pretendido usar as regras de um jogo próprio da estética e ética no interior do jogo da ciência. Tal confusão, em princípio criada pelo projeto inexequível de fornecer explicações do tipo causal para os motivos humanos, faria da psicanálise, ao invés de uma ciência, uma verdadeira mitologia. Isto porque, além de a psicanálise fornecer explicações que remontariam a algo que se repete, a uma situação primordial até então desconhecida e um tanto trágica para a pessoa submetida ao processo analítico, imprimiria a essas explicações um caráter estético ao invés de científico. Por explicações estéticas, entendam-se aquelas que, diferentemente das científicas, não são obtidas por meio da verificação experimental: antes, advêm de uma descrição que direciona a atenção do ouvinte para determinados aspectos e justapõe certas características, de modo que este passe a vê-las com uma nova clareza. Ademais, requerem a anuência do interlocutor para se constituírem como explicação plausível, o que pressunõe uma boa dose de persuasão da parte do analista em relação ao analisando.

Wittgenstein (1970) mostrou-se bastante interessado pela teoria freudiana dos sonhos, uma vez que a mesma aponta a perspectiva de se pensar o sonho como uma linguagem. Entreatanto combate veennentemente a tendência de Freud a remeter todo sonho a um único sentido, o sexual, posto que novamente recatirá numa posição essencialista. Ademais, considera uma das noções mais caras à psicanálise, conforme já aludido, a noção de inconsciente, como seu ponto mais insatisfatório. Segundo Wittgenstein (1970), o inconsciente seria tratado por Freud como se fosse uma essência tratado por Freud como se fosse uma essência extralingiástica, ao nivés de um instrumento da extralingiástica, ao nivés de um instrumento da

linguagem, um termo que apenas implicaria uma regra consensual entre seus usuários.

Finalmente, Wittgenstein (1970) aponta o caráter ético e, mais uma vez, não científico da nsicanálise Para o filósofo austríaco, a ética se volta para questões cuio valor adquire uma dimensão absoluta, como, por exemplo, o sentido da vida digna, o valor da felicidade; questões que, diferentemente do conhecimento científico, seriam desprovidas de sentido "norque compelem os homens a lutarem com os limites da própria linguagem, na medida em que elas anseiam por expressar algo situado além do meramente lingüístico" (Puente, 1995, p. 17), À medida que transita no âmbito da temática determinismo-liberdade no que tange às acões humanas, a psicanálise constituiria uma atividade que se ocuparia em tentar falar daquilo que não pode ser dito: consequentemente. do sem sentido

Apesar do teor de todas essas críticas, penso, todavia, que Wittgenstein (1970) não parece querer invalidar o empreendimento freudiano. Justamente aí reconheco o aspecto mais interessante de suas concepções filosóficas em geral e, especificamente, sua apreciação acerca da psicanálise. Com efeito. suas críticas à filosofia e psicanálise ultrapassam as usuais alternativas de aceitá-las ou rejeitá-las. Antes, parecem tentar mostrar a possibilidade de ver essas questões de uma nova perspectiva. No parágrafo final do Tractatus, ele adverte o leitor para que suas próprias "proposições são elucidativas pelo fato de que aquele que as compreende as reconhece afinal como falhas de sentido, quando por elas se elevou para lá delas. (tem que, por assim dizer, deitar fora a escada, depois de ter subido por ela). Tem que transcender estas proposições; depois ver o mundo a direito" (Tractatus, 1987, § 6.54).

A seguinte passagem parece tomar ainda mais clara a posição sui generis de Wittgenstein em relação à psicanálise: "questões científicas podem me interessar, mas nunca realmente me cativar. Isto acontece comigo apenas com as questões éticas e estéticas. A solução dos problemas científicos é para mim, no fundo, indiferente; aquelas outras questões, todavia, não o são" (Wittgenstein, 1984). Com efeito, para Wittgenstein, as questles científicas pareciam pouco interessi-lo, uma vezque, conforme já dizia no Tractatus, "mesmo quando todas as possíveis questões da ciência fossem resolvidas os problemas da vida ficariam ainda por tocar" (Tractatus, 1987. § 6.52). Nessa perspectiva, pode-se concluir que a psicanálise, para além de uma teoria dos atos irracionais ou caso particular de irracionalidade, convida-nos, tal como fez com Wittgenstein, a pensar o mito da racionalidade e a recinalidade do mito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assoun, P. L. (1990). Freud e Wittgenstein. Rio de Janeiro: Campus.
- Davidson, D. (1982). Paradoxes of irrationality. Em R. Wolheim e J. Hopkins (orgs.), Philosophical essays on Freud (pp. 289-305). Cambridge: Cambridge University Press.
- Freud, S. (1991). Sigmund Freud Gesammelte Werke (Sechste Auflage). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag.
- Gabbi Jr., O. F. (1994). Racionalidade, sentido e referência. Coleção CLE, Vol. 13. Campinas: UNICAMP.
- Gardner, S. (1993). Irrationality and the Philosophy of Psychoanalysis. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goldberg, S. E. (1988). Two patterns of rationality in Freud's Writings. Alabama: The University of Alabama Press.
- Kimmerle, G. (1988). Verneinung und wiederkehr: Eine methodologische lekture von Freuds Jenseits des Lustprinzips. Tübigen: Edition Diskord.
- Montenegro, M. A. P. (2002). Pulsão de morte e racionalidade no pensamento freudiano. Coleção Filosofia, Vol. 1. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará.
- Moreno, A. (1985). A propósito da noção de estética em Wittgenstein. Manuscrito, 8 (2), 113-150.
- Politzer, G. (1998). Critica dos fundamentos da psicologia. Piracicaba: Editora da UNIMEP (Trabalho original publicado em 1928).

- Prado Jr., B. (org.). (1991). Filosofia da Psicanálise. São Paulo: Brasiliense.
- Puente, F. R. (1995). As criticas de Wittgenstein a Freud. Trabalho apresentado. Seminário As investigações filosóficas. Campinas: UNICAMP.
- Ricoeur, P. (1965). De l'interpretation Essai sur Freud. Paris: Seuil.
- Sartre, J. P. (1958). Being and nothingness: An essay on phenomenological ontology (H. Barnes, Trad.) London: Hazel Barnes (Trabalho original publicado em 1943).
- Wittgenstein, L. (1970). Psicología, estética e religião.
  Notas de Smythies, Rhees e Taylor (J. Paulo Paes, Trad.) São Paulo: Cultrix

- Wittgenstein, L. (1984). Vermischte bemerkungen. Em Werkausgabe. Frankfurt am Main.
- Wittgenstein, L. (1987a). Investigações filosóficas. (M. S. Lourenço, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian.
- Wittgenstein, L. (1987b). Tractatus Logico-Philosophicus.
  (M. S. Lourenço, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian

Recebido em: 02/11/2000 Aceito em: 15/05/2003